



QUEM É PARDO NO BRASIL? UMA ANÁLISE DOS SENTIDOS DE PARDO NOS MODOS DE DEFINIR COR OU RAÇA

Márcia Regina de SOUZA (UNEMAT)¹
Joelma Aparecida BRESSANIN (UNEMAT)²

Resumo: Objetivamos, neste artigo, compreender como se constituem os sentidos de *pardo* enquanto modos de definir cor ou raça no Brasil, bem como os modos de (des)identificação dos sujeitos com as instituições e discursos. Para tanto, recorremos à História das Ideias Linguísticas em uma interface com a Análise de Discurso materialista. Nossa pesquisa consiste na análise dos sentidos dicionarizados do verbete *pardo*; dos sentidos produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE; e dos sentidos em circulação em outros espaços sociais. Compreendemos em nossas análises que *pardo* é significado, em grande medida, no campo da indefinição, seja pelas definições dos dicionários, pela classificação do IBGE ou pelos sentidos correntes, o que produz um efeito de ambiguidade, uma disputa por/de sentidos produzidos pela atualização da memória discursiva, em especial, nos chamados movimentos sociais negros e movimentos mestiços.

Palavras-chave: Pardo. Questões étnico-raciais. História das Ideias Linguísticas. Análise de Discurso.

Abstract: This article aims to understand how brown meanings are constituted as ways of defining color or race in Brazil, as well as ways of (dis) identification of subjects with institutions and discourses. For this, we resort to the History of Language Ideas in an interface with the materialist Discourse Analysis. Our research consists in the analysis of the dictionary senses of the brown entry; the meanings produced by the Brazilian Institute of Geography and Statistics - IBGE; and the senses circulating in other social spaces. We understand in our analysis that brown is largely meant in the field of indefiniteness, whether by dictionary definitions, IBGE classification or current senses, which produces an ambiguity effect, a dispute for / of meanings produced by updating of discursive memory, especially in the so-called black social movements and mestizo movements.

Keywords: Brown. Ethnic-racial issues. History of Language Ideas. Discourse Analysis.

1. Introdução

No âmbito dos movimentos de militância e de ativismo social e político, observamos o importante papel da língua(gem), no que se refere às diversas formas de definir grupos aos

¹ Doutoranda do PPG em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campus de Cáceres-MT, Brasil, e-mail: marcia_rsp@yahoo.com.br.

² Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campus de Cáceres/MT, Brasil, e-mail: joelmaab@hotmail.com.



quais os sujeitos, ao se identificarem, se significam e são significados, a partir de um lugar de pertencimento.

Exemplo disso é o movimento GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), que com o passar do tempo, teve sua sigla alterada para LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Transgêneros), possuindo ainda, outras ramificações como LGBTQ (Estados Unidos) ou LGBTI (Brasil), que dizem respeito a inserção da Teoria *Queer*, dentre outras. Isso ocorre como um gesto simbólico de inclusão de outros sujeitos nos espaços de representação dos grupos sociais.

As formas de definição que identificam determinados grupos sociais, fazem parte de um processo de constituição de “identidade” que afeta sujeitos e sentidos em condições de produção muito particulares. Para a Análise de Discurso, essa mobilidade de sentidos é efeito de um processo ao mesmo tempo parafrástico e polissêmico, considerando que a paráfrase se configura como o retorno aos mesmos espaços de significação, da estabilização dos sentidos, ou seja, em todo dizer há sempre algo que se mantém, enquanto a polissemia é da ordem do novo, do deslocamento de sentidos, da ruptura, pois como aponta Orlandi (2015, p. 34):

Essas são duas forças que trabalham continuamente o dizer, de tal modo que todo discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente. Se toda vez que falamos, ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas. É nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam.

Desse modo, as demandas dos sujeitos que ocupam uma posição sujeito-ativista, ou uma posição-sujeito militante, produzem uma mexida na rede de filiação aos sentidos, fazendo com que estes deslizem, se desloquem, produzam significados outros, passeiem entre o mesmo e o diferente como modo de acompanhar as transformações que ocorrem na sociedade e as novas reivindicações de espaços de identificação e pertencimentos de sujeitos a determinados grupos.

Como mencionamos mais acima, a noção de pertencimento comumente está associada a noção de identidade, mas teoricamente nos distanciamos desta concepção e partilhamos da compreensão de Barbai (2008, p. 22), pois:

Enquanto construto científico, social, político e psíquico a identidade está comumente articulada sob a ótica da sedentarização, da inércia,



da fixidez e da individuação (seja de um sujeito, de uma sociedade, de uma comunidade, de um povo, de um grupo) e muitas vezes situada sob os efeitos subjetivos da unidade, do pertencimento, da representação, da negociação, da indeterminação e da afirmação. Em suma, um terreno da homogeneidade.

Desse modo, trabalharemos com a noção de identificação que está diretamente relacionada ao processo de constituição dos sujeitos e de mobilidade dos sentidos.

Partindo mais especificamente para nosso objeto, voltamos nossa atenção para o movimento negro, uma vez que uma diversidade de definições produz sentidos para os sujeitos que se posicionam como militantes das questões étnico-raciais, dentre elas, podemos citar os termos: afrodescendentes, pretos, negros, indígena e *pardo*.

A escolha desse último modo de definição se deu em função de observarmos em nossos estudos que não há um consenso em relação ao seu sentido que faz parte de uma tensão entre sujeitos que se (des)identificam com diferentes modos de significar sua cor ou raça. Consideramos a análise necessária, pois de acordo com Nunes (*on-line*), “A cada análise de uma palavra, estabelecemos um recorte e explicitamos as singularidades e as regularidades de seu funcionamento nos discursos”.

Nessa perspectiva, buscamos nesse trabalho compreender os sentidos institucionalizados e em circulação nos espaços sociais para *pardo*, a partir da análise de dicionários de português e o modo como a palavra é significada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, uma vez que este se configura como um órgão oficial a serviços do Estado. Por fim, faremos uma breve análise dos sentidos em circulação para *pardo* nos espaços sociais, tomando como objeto de análise, sequências discursivas publicadas por representantes dos movimentos negro e mestiço na internet.

Para fundamentar nossa pesquisa, recorreremos à História das Ideias linguísticas articulada à Análise de Discurso que nos auxiliará na análise da constituição dos sentidos de *pardo* nos dicionários e documentos do IBGE, nos permitindo compreender os sentidos postos em circulação em condições de produção atuais.

Abaixo, elaboramos uma tabela para organizar as definições apresentadas para o verbete *pardo* feitas por três dicionários de língua portuguesa, disponíveis em plataformas digitais, das quais destacamos em negrito as definições apresentadas para cor e raça:

Definições	Michaelis ³	Aulete ⁴	Priberam ⁵
------------	------------------------	---------------------	-----------------------

³ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pardo/>. Acesso em: 14 jun. 2018.



Classe gramatical	Adjetivo	Substantivo masculino	Adjetivo e Substantivo Masculino
Etimologia	lat pardum.	F.: Do lat. pardus.	latim pardus, -i, leopardo
1	De cor entre o branco e o preto, meio escura; tuíra.	A cor fosca entre o branco e o preto, ou entre o amarelo e o marrom.	De cor pouco definida, entre o amarelado, o acastanhado e o acinzentado (ex.: gata parda; papel pardo).
2	Branco sujo.	Pessoa mulata. a.	De cor intermédia entre o preto e o branco acinzentado (ex.: céu pardo). = ESCURO
3	De cor fosca, variando entre o amarelo e o marrom escuro.	Que é de cor parda (1) (brim/papel pardo). : "O Chico-Juca era um pardo, alto, corpulento, de olhos avermelhados..." (Manuel Antônio de Almeida, Memórias de um Sargento de Milícias).	[Figurado] Que tem pouca dimensão, pouca intensidade ou pouca visibilidade (ex.: exibição parda; pardo desenvolvimento tecnológico; riso pardo). = DISCRETO substantivo masculino
4	Diz-se de qualquer dessas cores.	Diz-se dessa cor.	Cor pouco definida, geralmente escura, entre o amarelado, o acastanhado, o acinzentado e o preto.
5	AGR Diz-se de arroz sem casca e sem polimento; esbromado.	Diz-se de pessoa mulata.	Pessoa com cor de pele escura ou trigueira. = MULATO
6	A cor parda.		[Regionalismo] Pano grosseiro de lã de cor parda (ex.: terno de pardo).
7	Mulato.		[Antigo] O mesmo que leopardo.
8			[Antigo] Parque, coutada.

Tabela 1 – Alguns sentidos para pardo em dicionários de Língua Portuguesa

O dicionário *on-line* Michaelis apresenta quatro definições que associam *parda* a cor, entretanto, nenhuma delas esclarece o que é a cor parda, ficando sempre no campo de uma mistura indeterminada: “entre o branco e o preto”; “branco sujo”, “cor fosca, variando entre o branco e o marrom” e “a cor parda”. Apenas em sua última definição, aponta para sentidos relacionados a *mulato*, que o mesmo dicionário define como:

mu·la·to

adj sm

1 Que ou aquele que é mestiço das raças branca e negra.

2 Que ou aquele que é escuro ou trigueiro.

3 Que ou aquele que apresenta traços característicos do mestiço de branco com negro.

4 Que ou aquele que é mestiço, mas que não apresenta características raciais muito claras.

⁴ Disponível em: <http://www.aulete.com.br/pardo>. Acesso em: 14 jun. 2018.

⁵ Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/pardo>. Acesso em: 14 jun. 2018.



5 REG (PA) Diz-se de ou gado cuja pelagem é laranja no dorso e preta no resto do corpo⁶.

Vemos que o termo *mulato* também é significado como a mistura inter-racial entre brancos e negros nos itens 1 e 3. No item 2 é associado ao termo *trigueiro*: “Que ou aquele que tem a cor do trigo maduro; moreno”⁷. E, no item 4, *pardo* é significado na relação com o mestiço, com a mistura racial, mas colocando novamente o resultado dessa mistura no campo da indefinição ao dizer que é alguém que “não apresenta características raciais muito claras”.

Já a versão digital do dicionário Aulete traz duas definições que associam *pardo* à “pessoa mulata”. O próprio dicionário define *mulato* como:

(mu.la.to)

a.

1. Que apresenta traços físicos (cor da pele, tipo de cabelo, formato do nariz etc.) característicos da miscigenação entre negros e brancos; PARDO: Eu tenho primos mulatos, negros e brancos.

2. Diz-se de indivíduo trigueiro, de cor acastanhada sm.

3. Indivíduo mulato: Não havia mulatos nessa escola de samba.

4. Min. Minério pardacento, de prata ou cobre.

[F.: Do espn. mulato.]⁸.

Portanto, o dicionário Aulete Digital, assim como o anterior, associa o *pardo* à mistura inter-racial entre brancos e negros, além de trazer definições para o termo enquanto cor que também o colocam no campo da mistura, mas ao mesmo tempo, da indefinição: “cor fosca entre o branco e o preto, ou entre o amarelo e o marrom”.

O dicionário on-line Priberam, associa *pardo* a *trigueiro* e a *mulato*, colocando os dois últimos como sinônimos e traz para *trigueiro* a definição de: “Que ou quem é da cor do trigo maduro. = MORENO”⁹; e para *mulato*: “1. Que ou quem nasceu de mãe branca e pai negro ou de pai branco e mãe negra. 2. [Por extensão] O que tem cor escura ou acastanhada. = MORENO, TRIGUEIRO”¹⁰.

No que se refere a cor, o dicionário também a significa no campo da mistura: “cor pouco definida, entre o amarelado, o acastanhado e o acinzentado”; “cor intermédia entre o

⁶ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mulato/>. Acesso em: 10 jun. 2018.

⁷ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/trigueiro/>. Acesso em: 10 jun. 2018.

⁸ Disponível em: <http://www.aulete.com.br/mulato>. Acesso em: 10 jul. 2018.

⁹ Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/trigueiro>. Acesso em: 10 jul. 2018.

¹⁰ Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/mulato>. Acesso em: 10 jul. 2018.



preto e o branco acinzentado”; “Que tem pouca dimensão, pouca intensidade ou pouca visibilidade” e “Cor pouco definida, geralmente escura, entre o amarelado, o acastanhado, o acinzentado e o preto”.

Portanto, *pardo* é significado no campo tanto da mistura de cores, como da mistura inter-racial, da mestiçagem, mas é sempre associado a sentidos de indefinição, pois as misturas que o constituem não culminam em um resultado único e acabado, mas sempre associado a imprecisão, variando entre o “branco e o preto”, “o amarelo e o marrom”, o “acinzentado”, o “acastanhado”, o “mulato”, o “trigueiro” ou o “moreno”. Sempre que os dicionários apontam para a mistura inter-racial, mencionam “branco e preto”, não especificando a mistura destes com outros grupos étnicos, como o indígena, por exemplo.

Vejamos, então, os sentidos produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE que “se constitui no principal provedor de dados e informações do País, que atendem às necessidades dos mais diversos segmentos da sociedade civil, bem como dos órgãos das esferas governamentais federal, estadual e municipal”¹¹.

O IBGE é o órgão responsável pelos levantamentos estatísticos, geográficos, ambientais e cartográficos nacionais. Dentre suas atribuições está o levantamento populacional das diversas regiões do país e um dos dados pesquisados é a característica étnico-racial da população, que de acordo com o órgão é dividida em:

branca, preta, amarela (compreendendo-se nesta categoria a pessoa que se declarou de raça amarela), **parda (incluindo-se nesta categoria a pessoa que se declarou mulata, cabocla, cafuza, mameluca ou mestiça de preto com pessoa de outra cor ou raça)** e indígena (considerando-se nesta categoria a pessoa que se declarou indígena ou índia)¹².

Ainda de acordo com o IBGE, em documentos referentes ao censo mais recente realizado no Brasil, no ano de 2010:

O quesito sobre Cor ou raça e etnia foi o mais assinalado quanto a dificuldade de entendimento. Foram encontradas dificuldades em classificar a cor declarada nas opções do questionário, na medida em que muitos se declaravam morenos. Mesmo quando o recenseador repetia as alternativas, o entrevistado frequentemente insistia no

¹¹ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/institucional/o-ibge.html>. Acesso em: 14 jun. 2018.

¹² Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad99/metodologia99.shtm>. Acesso em: 14 jun. 2018.



‘moreno’, acabando, por fim, por escolher a cor parda. (BRASIL, 2016, p. 246).

Compreendemos, portanto, que na classificação do IBGE, *parda* também não possui uma definição distinta das apresentadas pelos dicionários, sendo significado a partir da diversidade, da mistura inter-racial, da diferença entre pessoas mestiças que não possuem características físicas muito definidas. A essa questão, soma-se o procedimento adotado pelo órgão em suas pesquisas, uma vez que a definição de quem pertence à categoria étnico-racial de pardo, fica a cargo dos sujeitos entrevistados que o fazem a partir de sua identificação com a forma de definição apresentada pelo instituto, conforme abordaremos adiante ao tratarmos dos sentidos em circulação nos espaços sociais.

Para tanto, selecionamos quatro sequências discursivas (SD) para análise. O primeiro diz respeito a uma reportagem compartilhada pelo portal Geledés em 11 de junho de 2013, intitulada “Entenda as diferenças entre preto, pardo e negro”¹³, abordando as divergências em relação à classificação de pardo e trazendo uma entrevista com José Luiz Petruccelli, pesquisador de diversidade racial no IBGE e com Alexandre Braga, diretor de comunicação da União de Negros pela Igualdade (Unegro), que apresentam pontos de vista diversos a respeito das definições *preto*, *parda* e *negro*.

A segunda sequência discursiva diz respeito a uma reportagem intitulada “Nem preto demais pra ser preto, nem branco demais pra ser branco. O que está por trás do termo pardo?”¹⁴, publicada pelo portal Esquerda Diário em 05 de julho de 2018, que significa a classificação de pardo como gesto de negação da negritude.

A terceira e a quarta sequências discursivas foram extraídas da página do grupo “Nação Mestiça” que configura um grupo de militância mestiça. A terceira é a definição de mestiço que o grupo traz no item “*About*”¹⁵ em sua página e a quarta é uma imagem com o título “Sou pardo, não sou negro”¹⁶, que traz alguns enunciados reivindicando o espaço de pertencimento do sujeito que se identifica como pardo.

Vejamos então os enunciados da sequência discursiva 1:

¹³ Disponível em: https://www.geledes.org.br/entenda-as-diferencas-entre-preto-pardo-e-negro/?gclid=EAIaIQobChMIIsKO0u9eU3AIVix6GCh0QWwWUEAAAYASAAEgLyefD_BwE. Acesso em: 14 jun. 2018.

¹⁴ Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/Nem-preto-demais-pra-ser-preto-nem-branco-demais-pra-ser-branco-O-que-esta-por-tras-do-termo-pardo>. Acesso em: 05/07/2018.

¹⁵ Disponível em: <http://www.nacaomestica.org/>. Acesso em: 05/07/2018

¹⁶ Disponível em: <http://nacaomestica.org/blog4/?p=19745>. Acesso em: 05/07/2018.



SD 1.1 José Luiz Petruccelli, que faz pesquisas sobre diversidade racial há mais de 20 anos no IBGE, reconhece que a classificação pode ser aprimorada, embora defenda que o modelo segue uma série histórica e mudanças poderiam prejudicar a comparação dos dados. ‘Esse é um tema muito polêmico. **Alguns defendem que deveríamos usar a classificação negro, mas o negro é uma identidade social. Leva em conta uma visão política, a identidade de um povo muito mais do que a cor da pele**’, defende.

O especialista diz não ser correto, para efeito de pesquisas, reunir pardos e pretos em um só grupo, de negros. Segundo ele, a discriminação contra os pretos é muito maior do que a verificada entre as pessoas que se autodeclararam pardas, e essa diferença precisa estar presente nos levantamentos demográficos. ‘**Existe diferença no comportamento social entre pretos e pardos: quanto mais escuro, mais discriminado**’, afirma. (Grifos nossos).

Na SD 1.1, é apresentada a opinião do pesquisador José Luiz Petruccelli, que defende a necessidade de diferenciar pretos e pardos nas pesquisas oficiais, em função da discriminação que se reforça de acordo com o tom de pele do sujeito, quanto mais escura a pele, mais o sujeito é discriminado. E complementa:

SD 1.2 De acordo com o pesquisador do IBGE, **a presença de pretos é menor no Brasil, por isso existe a tendência em reunir pardos e pretos em um grupo de negros.** Ele diz que apenas para as pesquisas o termo não se aplica, mas que na convivência social é válido agrupar as duas nomenclaturas.

Assim, o enunciado já aponta para a possibilidade de deslocamentos de sentidos para o termo entre o que é da ordem do oficial, institucionalizado e o que é da ordem do social, da linguagem em funcionamento.

Em oposição a opinião do pesquisador, a reportagem traz também a opinião de Alexandre Braga, diretor de comunicação da Unegro:

SD 1.3 Para o representante da Unegro, ocorre também a resistência em assumir a cor preta e muitos preferem ser incluídos na lista dos pardos – que seria uma forma intermediária. ‘A identidade do negro é muito maior, por isso defendemos a utilização desse termo’, afirma.

Dessa forma, o discurso da Unegro significa *pardo* não do lugar da identificação, do pertencimento a uma categoria étnico-racial mestiça, mas da negação do pertencimento a



categoria étnico-racial negra, ou seja, nessa concepção, a identificação com a posição sujeito pardo produz um silenciamento da posição sujeito negro, que é negada pelo próprio sujeito.

Além disso, destacamos também da SD 1, o enunciado que diz sobre os gestos de identificação dos sujeitos com a categoria de pardo no momento da pesquisa do IBGE:

SD 1.4: Nas pesquisas do Censo feitas pelo IBGE, é apresentada uma relação com as cinco nomenclaturas utilizadas e as pessoas precisam indicar a qual cor pertencem. Segundo Petruccelli, cada pessoa tem liberdade para dizer a sua classificação. Ele explica que pretos normalmente são as pessoas que se enxergam com a cor mais escura. Mas **em relação aos pardos não há consenso. ‘Normalmente são as pessoas que se classificam como ‘morenas’ ou ‘mulatas’, mas isso depende na região’**, afirma.

O pesquisador diz ainda que nas regiões Sul e Sudeste, a população que se declara parda normalmente é de origem africana. Porém, no Norte, muitos pardos são, na verdade, descendentes de indígenas. Ele ainda conta uma história curiosa sobre a situação no Distrito Federal. ‘A população local, por mais branca que seja a sua pele, se classifica como parda porque vê os brancos como os funcionários públicos que vieram de fora’.

No enunciado acima, em especial nos trechos destacados, nos deparamos novamente com os sentidos de indeterminação das características de *parado*, uma vez que, como explicado, a classificação se dá por um gesto de identificação do próprio sujeito que, como demonstrado no segundo parágrafo da sequência discursiva, não possui uma definição clara do que seja *parado*, dessa forma, os sentidos podem variar de sujeito para sujeito, de região para região, de grupo para grupo, etc.

Nessa perspectiva, o gesto de identificação do sujeito com a classificação de *parado*, ora se dá pelo reconhecimento de seu pertencimento a essa dada classificação, ora se dá pelo não reconhecimento do seu pertencimento às demais, uma vez que a indefinição de características físicas que identifiquem o pardo, por vezes, coloca o sujeito em uma relação mais com o que ele não é do que com o que ele é, pois todo sujeito que não se reconhece como branco, preto, amarelo ou indígena, acaba se autodeclarando como pardo na pesquisa do IBGE.

Passemos, então, para a sequência discursiva 2 que dialoga com os sentidos produzidos pelo enunciado da sequência discursiva 1.3:

SD 2.1 O receio, dúvida ou medo de muitas pessoas se declararem negras é um reflexo da ideia que perdura há séculos em nosso país



e que vê nos negros como algo ruim ou inferior ao branco. Assim ninguém quer ser associado a algo que a ideologia dominante vê, julga e trata todos os dias como algo inferior. Essa ideia é tão terrível que até mesmo os próprios negros muitas vezes não se veem como tal. Estas linhas foram escritas para que você negra ou negro que está lendo e fica na dúvida se é pardo ou moreno porque se acha preto demais para se dizer branco ou branco demais para se dizer negro, não tenha mais dúvida: **o que te provoca medo e te impede de encher a boca com todo orgulho e dizer ‘sou negro’ é uma coisa chamada RACISMO.**

O enunciado acima significa a identificação com a categoria de *pardo* enquanto um efeito do racismo que é significado como ideologia dominante e produz nos sujeitos o medo, o receio de se reconhecerem como negros devido aos sentidos pejorativos a ele associados historicamente, dessa forma, se reconhecer negro é um gesto de orgulho. E complementa:

SD 2.2 A burguesia, herdeira dos senhores de engenho em nosso país é quem mais quer apagar a identidade negra, pois sabe que **quando um negro se dá conta de que não é pardo e sim negro sua vida muda completamente. Dá um passo em direção ao questionamento dessa sociedade miserável.** Dá centenas de passos no sentido de ver cada uma das grandes revoltas contra a escravidão no Brasil e no Haiti, contra o colonialismo na África, como parte de nosso DNA e tradição. **E se auto identificar negro e assumir suas características também é parte de se conectar com a história.**

Nesse segundo enunciado, a desidentificação do sujeito com a posição de *pardo* e a consequente identificação com a posição de *negro*, é significada como um gesto de resistência do sujeito contra as diferenças sociais provocadas pelas injustiças étnico-raciais.

Entretanto, os enunciados das sequências discursivas 3 e 4, contrapõem-se aos sentidos produzidos pelos enunciados das sequências 1.3, 2.1 e 2.2, como veremos a seguir:

SD 3: MESTIÇO BRASILEIRO é o indivíduo que como tal se identifica, de cor parda ou não, e que é descendente de mestiço ou de qualquer miscigenação entre índio, branco, preto, amarelo ou outra identidade não-mestiça, que se identifica como distinto destas e etnicamente de qualquer outra e que é, nestes termos, reconhecido pela comunidade da etnia mestiça brasileira (nacional, nativa, unitária, indivisível, originada e constituída durante o processo de formação da Nação brasileira e indissociável e exclusivamente identificada com esta).

Sequência discursiva 4:

Sr. NEGRO que diz que PARDO é NEGRO,

Para o bem do correto ensino de História, desejamos informá-lo que, antes de haver NEGROS no Brasil, já havia PARDOS no país. Expliquemos.

Até 22 de abril de 1500, havia somente ÍNDIOS no Brasil. Neste dia, chegaram os primeiros BRANCOS, vindos de Portugal. Não traziam NEGROS com eles.

Os BRANCOS tiveram filhos com as ÍNDIAS e nasceram os PARDOS caboclos - os primeiros MESTIÇOS do Brasil.

Só em 1549, em Salvador, chegaram navios negreiros trazendo os primeiros NEGROS africanos a pisarem no Brasil os quais por miscigenação também deram origem aos PARDOS cafuzos e mulatos. Entendeu porque...

SOU PARDO
NÃO SOU NEGRO

WWW.NACAOMESTICA.ORG 

Figura 1: Sou pardo, não sou negro
Fonte: <http://nacaomestica.org/blog4/?p=19745>

A sequência discursiva 3 diz respeito ao texto de apresentação da página do grupo denominado Nação Mestiça que se configura em um grupo de militância do movimento mestiço, ou seja, um grupo que luta não só pelo direito dos mestiços, mas pelo direito de pertencimento ao grupo étnico-racial pardo.

Na sequência discursiva 4, há um enunciado reivindicando esse espaço de pertencimento que, no entendimento do grupo é apagado por um efeito de generalização produzido pela classificação de *pretos* e *pardos* em uma única categoria de *negros* e, a partir da reivindicação do lugar social de primeiros moradores do país, antes mesmo da chegada dos negros, marcam sua posição sujeito mestiço, pardo.

Assim, temos nas quatro sequências analisadas, três gestos de significação distintos para *pardo*. Na primeira há o reconhecimento das divergências que permeiam a definição do termo pelo IBGE enquanto órgão oficial e seus deslocamentos de sentido em seu funcionamento nos espaços de militância dos grupos que se identificam ou se desidentificam com a posição-sujeito pardo.

Na segunda a cor parda é significada como negação da negritude, como silenciamento do negro, como um apagamento promovido pelo racismo histórico-ideologicamente constituído no país, que produz nos sujeitos o medo de se assumirem como negros.



Na terceira e na quarta sequências discursivas, ainda que *pardo* seja significado também no campo indefinição que resulta da diversidade étnica que a palavra engloba, há o gesto de reivindicação dos sujeitos que se identificam como mestiços a um espaço de pertencimento próprio, ou seja, há uma recusa pela generalização promovida pela classificação de *pretos* e *pardos* na categoria *negros*, opondo-se aos sentidos produzidos pela segunda sequência discursiva.

Há, portanto, no que se refere aos diferentes sentidos produzidos pelas quatro sequências discursivas analisadas, um funcionamento próprio do discurso polêmico, não no sentido de um discurso controverso ou duvidoso, mas do que Orlandi (2003, p. 154), define como “aquele em que a reversibilidade se dá sob certas condições e em que o objeto do discurso está presente, mas sob perspectivas particularizantes dadas pelos participantes que procuram lhe dar uma direção, sendo que a polissemia é controlada. O exagero é a injúria”.

Nesse sentido, o discurso polêmico se manifesta como uma disputa pela verdade, a polissemia é controlada uma vez que os sujeitos são colocados em posição de debate na disputa pelos sentidos e na busca por um lugar de consenso sobre o que é ser pardo no Brasil.

2. Considerações Finais

Compreendemos que nossa questão colocada no título deste trabalho: O que é ser pardo no Brasil? não é passível de uma resposta única e definitiva, uma vez que nossas análises nos mostram que o termo é significado no campo da diversidade, da imprecisão, se aproximando do imaginário constituído histórico-ideologicamente para o Brasil como o país da mestiçagem, da diversidade étnico-racial, da mistura.

Dessa forma, os sentidos de *pardo* não se constituem de modo consensual, mas a partir de uma disputa por/de sentidos, ou seja, da disputa dos sujeitos por lugares de pertencimento em seu processo de (des)identificação com as instituições e discursos que nelas circulam.

Trata-se, portanto, de um confronto entre o simbólico e o político, ou seja, por relações de forças que constituem a sociedade a partir de processos que unem sujeitos e instituições. Isto é, independentemente da posição ocupada pelos sujeitos no embate pelos espaços de significação de *pardo*, a identificação do sujeito é um gesto político, um gesto de disputa que se estabelece nas/pelas relações de poder e de sentidos.

**REFERÊNCIAS**

BARBAI, Marcos Aurélio. **Discurso e identificação: o migrante brasileiro clandestino deportado**. Campinas, SP: 2008.

CAUDAS, Aulete. Aulete Digital. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/mulato>. Acesso em: 10 jul. 2018.

CAUDAS, Aulete. Aulete Digital. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/pardo>. Acesso em: 14 jun. 2018.

ESQUERDA DIÁRIO. **Nem preto demais pra ser preto, nem branco demais pra ser branco. O que está por trás do termo pardo?** Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/Nem-preto-demais-pra-ser-preto-nem-branco-demais-pra-ser-branco-O-que-esta-por-tras-do-termo-pardo>. Acesso em: 05 jul. 2018.

GELEDÉS. **Entenda as diferenças entre preto, pardo e negro**. Disponível em: https://www.geledes.org.br/entenda-as-diferencas-entre-preto-pardo-e-negro/?gclid=EAIaIQobChMI5KO0u9eU3AIVix6GCh0QWwWUEAAYASAAEgLyefD_BwE. Acesso em: 14 jun. 2018.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad99/metodologia99.shtm>. Acesso em: 14 jun. 2018.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Metodologia do Censo Demográfico 2010**. 2. ed. - Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95987.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2018.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mulato/>. Acesso em: 10 jun. 2018.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/trigueiro/>. Acesso em: 10 jun. 2018.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pardo/>. Acesso em: 14 jun. 2018.

Nação mestiça – movimento pardo-mestiço brasileiro. Disponível em: <http://www.nacaomestica.org/>. Acesso em: 05 jul. 2018.

Nação mestiça – movimento pardo-mestiço brasileiro. Não sou pardo, sou negro. Disponível em: <http://nacaomestica.org/blog4/?p=19745>. Acesso em: 05 jul. 2018.

NUNES, José Horta. **Palavras da Cidade: sujeitos em discursividades contemporâneas**. Disponível em: <http://dml.fflch.usp.br/sites/dml.fflch.usp.br/files/JOSE%20HORTA.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2018.



ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu Funcionamento**: as formas do discurso. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PETRUCCELLI, José Luis; SABOIA, Ana Lucia. **Características Étnico-Raciais da População**: classificação e identidades. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2018.

PRIBERAM. Dicionário. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/institucional/o-ibge.html>. Acesso em: 14 jun. 2018.

PRIBERAM. Dicionário. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/trigueiro>. Acesso em: 10 jul. 2018.

PRIBERAM. Dicionário. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/mulato>. Acesso em: 10 jul. 2018.

PRIBERAM. Dicionário. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/pardo>. Acesso em: 14 jun. 2018.